

Jornalismo Literário e Etnografia Urbana:

***Olhares de João do Rio sobre
a cidade do Rio de Janeiro***

12

Por Luan Pazzini Bittencourt

luanpazzini1@gmail.com - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jornalismo Literário e Etnografia Urbana: Olhares de João do Rio sobre a cidade do Rio de Janeiro

Resumo:

Tendo como base o papel da literatura e do jornalismo, pensado como saberes sobre o social e o urbano, este artigo é um “exercício interpretativo”, de compreensão e apreensão da cidade do Rio de Janeiro, relacionando o cotidiano com a metáfora do urbano, a partir de uma abordagem jornalística literária de *A Alma Encantadora das Ruas* (2017), livro de João do Rio, pseudônimo pelo qual ficou conhecido Paulo Barreto. Para Martinez (2022), no Brasil, o cotidiano está presente nas obras do autor. Cotidiano que, de acordo com Magnani (2009), encontra no método etnográfico sua especificidade, podendo ser desenvolvido, em diversas áreas, como demonstra este estudo. A partir da aproximação entre Jornalismo Literário e Etnografia Urbana, é possível afirmar que a literatura de João do Rio não é pensada apenas como reflexo do mundo no qual estamos inseridos. O autor descreve, como exercício interpretativo, visões de mundo, em torno das quais se conformavam determinados grupos sociais, a “partir de uma intersubjetividade continuamente vivida e retratada” (Sant’Anna & de Souza, 2014, p. 110).

Palavras-chave:

Jornalismo; Literatura; Etnografia; Etnografia Urbana.

Literary Journalism and Urban Ethnography: João do Rio's Perspectives on the City of Rio de Janeiro

Abstract:

Based on the role of literature and journalism, understood as knowledge about the social and the urban, this article is an “interpretative exercise” for understanding and apprehending the city of Rio de Janeiro, relating daily life to the metaphor of the urban, from a literary journalism approach to *A Alma Encantadora das Ruas* (2017), a book by João do Rio, the pseudonym by which Paulo Barreto was known. According to Martinez (2022), in Brazil, daily life is present in the author’s works. This daily life, according to Magnani (2009), finds its specificity in the ethnographic method, which can be developed in various fields, as demonstrated by this study. From the intersection of Literary Journalism and Urban Ethnography, it is possible to state that João do Rio’s literature is not conceived merely as a reflection of the world in which we are immersed. The author describes, as an interpretative exercise, worldviews around which certain social groups were formed, “from a continuously lived and portrayed intersubjectivity” (Sant’Anna & de Souza, 2014, p. 110).

Keywords:

journalism, literature, ethnography, urban ethnography

Periodismo literario y etnografía urbana: las miradas de João do Rio sobre la ciudad de Río de Janeiro

Resumen:

Partiendo del papel de la literatura y el periodismo, entendidos como saberes sobre lo social y lo urbano, este artículo es un “ejercicio interpretativo” para la comprensión y aprehensión de la ciudad de Río de Janeiro, relacionando la vida cotidiana con la metáfora de lo urbano, a partir de un enfoque de periodismo literario de A Alma Encantadora das Ruas (2017), libro de João do Rio, pseudónimo por el que fue conocido Paulo Barreto. Según Martínez (2022), en Brasil, la vida cotidiana está presente en las obras del autor. Una cotidianidad que, de acuerdo con Magnani (2009), encuentra en el método etnográfico su especificidad, pudiendo desarrollarse en diversas áreas, como demuestra este estudio. A partir de la aproximación entre Periodismo Literario y Etnografía Urbana, se puede afirmar que la literatura de João do Rio no se concibe únicamente como un reflejo del mundo en el que estamos inmersos. El autor describe, como un ejercicio interpretativo, visiones del mundo, en torno a las cuales se conformaban determinados grupos sociales, “a partir de una intersubjetividad continuamente vivida y retratada” (Sant’Anna & de Souza, 2014, p. 110).

Palabras clave:

periodismo, literatura, etnografía, etnografía urbana

1 Introdução

“Quanto mais vivo e me lembro de coisas do passado, mais acho que a literatura e o jornalismo estão intimamente relacionados.”

Gabriel García Márquez.

A pergunta de João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio, proposta em 1904, no jornal Gazeta de Notícias: “O Jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (Paulino, 2014, p. 10) ainda remete a reflexões acerca desses dois âmbitos. O diálogo existente entre jornalismo e literatura começa no século XVIII. Ao longo da história, suas ideias se unem, mas também divergem. Cada uma das atividades textuais dispõe de especificidades próprias, com técnicas e estilos diferenciados para serem criados.

No século XIX, os textos literários começaram a surgir na imprensa, por meio de folhetins diários, matérias traduzidas, resenhas e crônicas anônimas. No Brasil, o início da história da imprensa se constituiu pelo envolvimento da Literatura e do Jornalismo. Em 1808, o Correio Brasiliense marca essa configuração (Bittencourt, 2023). Naquela época, os papéis do jornalista e do escritor, muitas vezes, se confundiam. No início, as publicações eram traduzidas originalmente dos folhetins franceses, mas, logo depois, José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida começaram a publicar no Brasil. Esses escritores, seguidos por Machado de Assis, José Veríssimo e Silvio Romero, marcam a crítica literária e a “formação da Literatura brasileira e da divulgação literária por meio de espaços nos periódicos” (Rigo, 2019, p. 20).

Uma das primeiras áreas a ocupar o espaço jornalístico é a literatura. A crítica literária e a presença de escritores em periódicos representam as primeiras aproximações entre os dois campos, levadas aos leitores, por meio da publicação de folhetins e crôni-

cas. Para Lajolo e Ziberman (1996, p. 97), “a imprensa e literatura são formações discursivas diferentes, emanadas de lugares sociais igualmente distintos, mas ambas integram o mesmo sistema de escrita e buscam interpretar a realidade.”

Interpretação da realidade: característica que também está presente em textos etnográficos. Para Lévi-Strauss (1975), a fim de melhor interpretar essa realidade, o pesquisador deve ter, com o objetivo de garantir ao seu texto condições de objetividade, uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais, que auxilia na busca por interpretar a realidade: o distanciamento. Tarefa complexa que, para Lévi-Strauss (1975), requerer distanciamento social e psicológico de seu objeto.

Apesar de complexa, de acordo com Velho (2013, p. 77), existem indivíduos e grupos que, por estranhamento, “conseguem captar e descrever aspectos da sociedade de maneira, não raro, mais densa e rica que estudos orientados pelo método científico: Os exemplos na literatura são óbvios: Balzac, Proust e, no Brasil, Machado de Assis, Graciliano Ramos, etc.”. Ainda, para Velho (2013), é possível citar exemplos, no jornalismo, em suas várias manifestações, como a literatura de cordel, entre outros.

Para Velho (2013), todo o texto, seja literário ou etnográfico, é construído em torno da interpretação do autor e sua intenção, assim como uma das condições de sua realização é a reflexão. A partir disto, é possível afirmar que todo o texto está diretamente ligado ao contexto do objeto a ser interpretado, o qual busca interpretá-lo e a quem o texto irá tocar. Para Geertz (2013, p. 36), a partir desta ação, “fica claro que nesses termos, a antropologia está praticamente toda do lado dos discursos ‘literários’, e não dos ‘científicos’”.

Desse modo, todo texto, literário ou etnográfico, está fadado a ser um ‘real interpretado’, um dentre vários possíveis que, por fim, abrem espaço para novas formas de interpretação do Outro. Partir do território do Outro, pensando na universalidade mencionada por Todorov (1993), é dar espaço ao que não é familiar, exercício que transforma olhares.

Tendo como base o papel da literatura e do jornalismo, pensado como saberes sobre o social e o urbano, este artigo é um ‘exercício interpretativo’, de compreensão e apreensão da cidade do Rio de Janeiro, relacionando o cotidiano com a metáfora do urbano, a partir de uma abordagem jornalística literária de *A Alma Encantadora das Ruas* (2017), de João do Rio, pseudônimo pelo qual ficou conhecido Paulo Barreto. Para Martinez (2022), no Brasil, o cotidiano está presente nas obras do autor.

A partir da aproximação entre Jornalismo Literário e Etnografia Urbana, é possível afirmar que a literatura de João do Rio não é pensada apenas como reflexo do mundo no qual estamos inseridos. O autor descreve, como exercício interpretativo, visões de mundo, em torno das quais se conformavam determinados grupos sociais, a “partir de uma intersubjetividade continuamente vivida e retratada” (Sant’Anna & de Souza, 2014, p. 110).

Essa perspectiva sugere uma relação entre jornalismo e urbanidade, mas é importante questionar se essa associação é intrínseca ou se resulta de um recorte específico deste estudo. O jornalismo, ao longo de sua história, tem se desenvolvido tanto em contextos urbanos quanto em espaços rurais, comunitários e periféricos, sem que sua essência dependa exclusivamente da urbanidade. No entanto, no caso de João do Rio, o cenário urbano do Rio de Janeiro do início do século XX é central para sua abordagem jornalística, funcionando como elemento fundamental de sua escrita e de sua interpretação do social. Assim, a relação entre jornalismo e urbanidade, neste contexto, se dá mais pela especificidade da obra analisada do que por uma vinculação necessária entre ambos os campos.

2 Olhares sobre o Jornalismo Literário

O uso da prática do texto jornalístico com elementos da literatura foi um exercício feito por escritores talentosos como Euclides da Cunha, na sua obra-prima *Os Sertões*, e o jornalista e

escritor João do Rio, com a obra *A Alma Encantadora das Ruas*, que, para Medina (1988, p. 28), levantou questões até hoje discutidas como “onde termina o jornalismo e começa a literatura, ou onde termina a literatura e começa o jornalismo, para não ser parcial”.

No Brasil, a prática ficou famosa após ser usada por jornalistas da Revista Realidade e do Jornal da Tarde, que resolveram apostar em um jornalismo que ia além das aparências e mergulhava a fundo nos fatos, gerando textos criativos, que exploravam o lado autoral dos jornalistas e, ao mesmo tempo, exigiam dos profissionais um olhar apurado na apresentação de dados minuciosos e incentivavam a procura de fatos objetivos.

O aparecimento do Jornalismo Literário nos cursos de Jornalismo no país, principalmente na graduação, passou a ser cada vez mais frequente, e a importância dele para a comunicação está sendo discutida e ensinada com disciplinas específicas. Dados que comprovam essa crescente, publicados no estudo de Martinez et al. (2022), afirmam que, no Brasil, das 342 instituições que oferecem Jornalismo ou Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, 42 ofertam as disciplinas que se intitulavam Jornalismo Literário em suas grades. Ainda para as autoras (2022a, p. 10), após análise, “o estudo sugere que o país é líder no ensino da disciplina do globo.”

É possível afirmar que, atualmente, não existe um “consenso sobre o termo Jornalismo Literário” (Lima, 2009, p. 13; Bulhões, 2007, p. 11; Martinez, 2016, p. 65). Ainda assim, de acordo com Martinez et al. (2022a, p. 2), desde 2006, a International Association for Literary Journalism Studies (IALJS), “principal espaço de discussão de estudiosos da modalidade no mundo, entende que o JL se trata de jornalismo como literatura e não sobre literatura.”

Diferente do jornalismo informativo, que busca uma objetividade pautada na checagem e neutralidade dos fatos, o jornalismo literário opera de maneira distinta. Aqui, a verdade não é cons-

truída apenas pela apuração de dados verificáveis, mas também pela experiência sensível do autor diante do que observa. O JL não se limita a descrever um evento ou um ambiente; ele os traduz em símbolos, carregando-os de sentidos subjetivos e sociais.

Isso não significa, no entanto, que haja um lado verdadeiro e outro falso. O jornalismo literário não distorce a realidade, mas a molda a partir de um olhar interpretativo. Esse olhar não é neutro, pois cada narrativa nasce de uma escolha: o que se observa, o que se deixa de observar, como se organiza o relato. Há um compromisso com o real, mas também uma preocupação em ressignificá-lo através da linguagem, proporcionando ao leitor uma experiência que vai além da simples transmissão de informações.

Quando o termo Jornalismo Literário — também JL daqui em diante — vem à cabeça, provavelmente o conceito imaginado é de um texto mais elaborado, escrito a partir de uma visão diferenciada do fazer notícia. Muitas vezes, é possível encontrar nele visões distintas ou até mesmo detalhadas de um pedaço do mundo, com instrumentos de expressão da realidade diferentes.

Conforme Lima (2012, p. 36), o JL pode ser caracterizado pelo “uso de marcas características da literatura no jornalismo, como as figuras de linguagem, a profunda contextualização e até a digressão”. Já para Assis (2014), o Jornalismo Literário aparece na construção de um texto cena a cena, mostrando os registros de diálogos completos.

No jornalismo tradicional, a verdade é frequentemente associada à factualidade: um acontecimento é registrado com base em documentos, entrevistas e provas concretas. No entanto, o jornalismo literário trabalha com outro tipo de verdade: a interpretativa. Enquanto a verdade factual responde à pergunta “o que aconteceu?”, a verdade interpretativa responde a “o que isso significa?”.

Essa interpretação do real ocorre quando o JL captura não apenas a aparência dos personagens e dos espaços, mas seus gestos, sua linguagem corporal, suas expressões faciais. Como um ob-

servador atento, o jornalista literário lê os espaços e acontecimentos como um texto, atribuindo significados a cada detalhe. Essa abordagem permite que seu trabalho se diferencie do modelo convencional de reportagem, pois opera com a ideia de um real que não é absoluto, mas construído por múltiplos pontos de vista.

Vilas Boas (2007) afirma que Jornalismo Literário é uma técnica. Talvez o JL tenha sido criado com o propósito de oferecer o que Lima (2010, p. 17) chama de “experiência simbólica da realidade”. Em textos jornalísticos literários, o modo mais importante para o leitor é a cena “porque, ao apelar para a visão, tem chance melhor de atrair o leitor, seduzindo-o para dentro do texto [...] a cena é um recurso narrativo para acessar essa disposição natural que temos de nos sentirmos atraídos pelo que apela à nossa visão (Lima, 2010, p. 17).

Para Belo (2006), o Jornalismo Literário conta histórias ao apresentar uma linha narrativa bem estruturada, baseada na observação aprofundada da realidade. O texto jornalístico literário, no entanto, não representa uma ruptura com as técnicas jornalísticas tradicionais, mas sim uma ampliação das possibilidades narrativas dentro do campo do jornalismo. Como destaca Lima (2012), o JL não é literatura, mas utiliza recursos literários como objeto, permitindo uma abordagem mais interpretativa dos fatos. Isso significa que, embora se valha de estratégias narrativas como a descrição detalhada e a subjetividade controlada, o JL mantém o compromisso com a veracidade dos acontecimentos que reporta.

O JL foge do convencional, que é contar histórias rápidas e de forma simplificada. Segundo Lima (2010), o Jornalismo Literário tem estilo diferenciado da prática de reportagem e do ensaio, e ocupa lugar especial na cultura contemporânea. Bulhões (2007) ressalta que, o jornalista que escreve textos literários é um grande observador. Sua função é mostrar o que foi visto e o que não foi visto numa reportagem.

Como destaca Geertz (2013), toda narrativa cultural é, em essência, uma interpretação. Mesmo os textos mais descritivos carregam escolhas, omissões e perspectivas. O jornalista literário não apenas relata o que vê; ele seleciona o que considera significativo, enquadra os acontecimentos sob uma determinada ótica e os traduz em palavras que dialogam com sua própria visão de mundo. Sua escrita, portanto, não se limita a descrever o real, mas a interpretá-lo.

Nos textos jornalísticos literários, há um movimento contínuo de interpretação. As cenas e personagens descritos podem não existir mais, mas sua interpretação permanece, permitindo que gerações posteriores acessem aquela realidade de forma vívida e significativa. Dessa forma, o jornalismo literário se torna mais do que um registro da época: ele se torna um documento cultural, ampliando nossa compreensão sobre o passado e o presente.

3 Notas sobre Cultura e Cotidiano

A interpretação da realidade, mesmo em textos etnográficos, constitui-se de: interpretações. Na realidade, interpretações de segunda e terceira ordens. Tratam-se, a partir desse modo, de ficções. São, de acordo com Geertz (2013), algo construído, modelado. Não que sejam falsas, mas, segundo o autor, somente o “nativo” pode produzir interpretações de primeira ordem. Afinal, estamos tratando de sua “cultura”.

Se faz importante, antes de abordar a Etnografia Urbana, compreender o conceito da expressão cultura, utilizando como referência os estudos de Geertz. Sendo o homem um “animal amarrado a teias”, de acordo com o autor (1989, p. 36), como forma de elucidar o porquê, a cultura está na constituição do ser humano. Em suas discussões acerca da participação da cultura no processo de hominização e na construção do ser humano, dentro das sociedades, Geertz (1989) busca pensar a cultura como padrões complexos de comportamento, aliando um conjunto de mecanis-

mos que auxilie o indivíduo a pensar em uma cultura de forma inerente ao homem. Para Laraia (1996, p. 9), o comportamento do indivíduo, dentro de uma determinada cultura, “depende de um aprendizado de unir processos que é chamado de endoculturação, exemplo um menino e uma menina agem diferentemente, não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.”

A partir disto, é possível afirmar que a cultura condiciona a visão do homem sobre o mundo quando inserido na sociedade. Para Geertz (1989, p. 15), essa relação é mediada por suas ferramentas, construindo e interpretando a realidade “a partir dos instrumentos que lhe são fornecidos pela cultura. Tecelão quase compulsivo de si próprio, borda sem cessar teias de significados para dar sentido ao mundo”. Benedict (1997) acrescenta que é a partir dessas teias, em que se misturam pontos abertos e fechados, antigos e novos, com linhas de todas as cores, que as culturas existem. Para a autora (1997)

[...] é a partir desse véu da cultura, dessas lentes, que vemos então as coisas, os outros, e a nós mesmos. Cada cultura, entretanto, teria seu par de lentes próprio, ou, no máximo, certo número de lentes utilizáveis, um certo leque de possibilidades de formas de ver o mundo. As lentes de uma sociedade nunca são as mesmas de outra” (Benedict, 1997, p. 19).

Se, para Geertz, a cultura é um sistema de significados compartilhados, Roy Wagner (2018) amplia essa discussão ao sugerir que a cultura não apenas é interpretada, mas também inventada. Em *A invenção da cultura*, o autor argumenta que o processo de compreender o outro envolve uma recriação constante dos significados culturais, tanto por parte do pesquisador quanto pelos próprios grupos sociais observados. Esse conceito dialoga com a ideia de que o jornalismo literário e a etnografia urbana não apenas documentam a cultura, mas também a reconstróem nar-

rativamente, estabelecendo novas formas de representação do cotidiano.

Ao utilizar essas lentes, e a partir de uma visão de mundo, para Todorov (1993, p. 21), há uma tendência em “considerar nossa forma de ver e fazer as coisas como a mais correta, ou mesmo a única correta”. Essa postura, ainda de acordo com o autor, torna o que é tido como nosso, verdadeiro, e o que é do Outro, como errado, dando assim “aos nossos valores um suposto caráter de universalidade” (Todorov, 1993, p. 21).

Partir do território do Outro, pensando na universalidade mencionada por Todorov (1993), dar espaço ao que não é familiar, se caracteriza como um exercício importante, que auxilia a transformar olhares. Esse processo de construção do olhar também pode ser pensado a partir da escrita e da narração. Como apontam Rocha e Eckert (2003), no ensaio *O antropólogo na figura do narrador*, a escrita antropológica não é um simples relato de fatos objetivos, mas um exercício de re-narração que recria os contextos e perspectivas dos sujeitos observados. Esse conceito pode ser aproximado do jornalismo literário, que, ao transformar dados em narrativa, permite que o leitor se aproxime dos eventos narrados de maneira mais subjetiva e interpretativa.

De acordo com Lévi-Strauss (1975), a reflexão anteriormente apresentada, desperta uma possível equação, cujo objetivo seria encontrar, por meio da diversidade, a generosidade de uma Humanidade criada pelo Iluminismo. O autor considera a Antropologia um empreendimento, que “renova e expia a Renascença, com o fim de levar o humanismo a alcançar a medida da humanidade” (Lévi-Strauss, 1975, p. 222).

Buscando encontrar a medida da humanidade, pensada por Lévi-Strauss (1975), avança-se, de acordo com Peirano (2014) no encontro singular entre o antropólogo e o “nativo”, por meio de um confronto de diferenças. A partir disto, opera-se uma equação que gira em torno das vivências de pesquisador e pesquisado,

concedendo à Antropologia “seu caráter distinto entre os outros ramos do conhecimento: de todas as ciências, ela é, sem dúvida, a única a fazer da subjetividade mais íntima um meio de demonstração objetiva” (Peirano, 2014, p. 373).

Para Malinowski (1976, p. 38), foi por meio do encontro antropológico que buscou-se “apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo”, situação que, se feita por intermédio de um trabalho de campo onde o observador, ao tentar apreender o ponto de vista do observado, buscando internalizar a Cultura à qual está inserido, torna a experiência mais “subjetiva, mais íntima, por meio da demonstração objetiva” (Peirano, 2014, p. 372).

Utilizar o olhar etnográfico, “de perto e de dentro” (Magnani, 2009, p. 7), para refletir sobre a diferença e mudar o foco da perspectiva antropológica, pode evitar a dicotomia que opõe, no cenário das grandes metrópoles contemporâneas, o indivíduo e os grandes conglomerados urbanos. Pensar no Outro, para Todorov (1993)

[...] buscando identificar os conhecidos discursos do senso comum sobre despersonalização, massificação, solidão etc., motes muito difundidos e sempre à mão quando se quer discorrer sobre os problemas dos grandes centros urbanos ajuda a pensar que [...] em meio à multidão, o indivíduo está só. Ele cruza diariamente com centenas de pessoas que não conhece. Essas pessoas vivem no mesmo meio, mas não convivem. A mesma metrópole produz as massas e isola o indivíduo (Todorov, 1993, p. 10).

A partir disto, Magnani (2009) afirma que é por meio da mudança de foco que a perspectiva antropológica possibilita, relacionando o método etnográfico, evocar vagos “laços sociais tradicionais”, mas que passa ao

largo das possibilidades e das alternativas que a vida cosmopolita propicia, desconhece a existência de grupos, redes, sistemas de troca, pontos de encontro, instituições, arranjos, trajetos e muitas outras mediações por meio das quais aquela entidade abstrata do indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, da cidade (Magnani, 2009, p. 10).

Tal cotidiano, encontra no método etnográfico sua especificidade, podendo ser desenvolvido, em diversas áreas, como demonstra este estudo, mas principalmente no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos que auxiliam na coleta de dados, associados a uma prática do trabalho de campo, a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do pesquisador, junto ao grupo social a ser estudado (Magnani, 2009).

No entanto, é importante compreender a etnografia não apenas como um método, mas como uma ferramenta teórico-metodológica que estrutura o olhar do pesquisador e sua forma de interpretar a realidade. Como destaca Peirano (2014), a etnografia não se resume à aplicação de um conjunto de técnicas de campo, mas envolve um compromisso epistemológico e interpretativo. Assim, a experiência etnográfica não é apenas um meio para coletar informações, mas um processo que transforma tanto o pesquisador quanto seu objeto de estudo.

Para Velho (1987), escutar o Outro não é tarefa fácil, pois exige aprendizado que se conquista a cada nova saída de campo, a cada visita para entrevista e nova observação. Para o autor (1987), a prática etnográfica permite interpretar o mundo social, aproximando o pesquisador do Outro, que em um primeiro momento pode ser estranho, tornando-o familiar, ou no procedimento inverso, superando suas representações ingênuas, substituídas por questões relacionais sobre o universo de pesquisa analisado.

4 Etnografia Urbana e o Jornalismo Literário: os olhares de João do Rio

João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio, nasceu no Rio de Janeiro em 1881 e tornou-se um dos jornalistas e escritores mais marcantes de sua época. Seu estilo inovador, que combinava observação detalhada e narrativa fluida, consolidou sua relevância tanto na literatura quanto no jornalismo. Seus textos revelam um olhar aguçado sobre as transformações da cidade, capturando o dinamismo urbano e suas contradições sociais.

A partir do pensamento de Santana (2016), é possível afirmar que a literatura de João do Rio não é pensada apenas como reflexo do mundo no qual estamos inseridos. João busca descrever, mas como exercício interpretativo, cujo objetivo é expressar visões de mundo, em torno das quais se conformavam determinados grupos sociais, a “partir de uma intersubjetividade continuamente vivida e retratada” (Sant’Anna & de Souza, 2014, p. 110).

Essa característica da escrita de João do Rio o diferencia de meros cronistas de sua época. Seu olhar sobre a cidade é ativo e perspicaz, revelando aspectos do cotidiano que muitas vezes passariam despercebidos. A observação dos espaços urbanos não ocorre de maneira distante, mas sim como uma imersão sensorial e analítica. Ao descrever a cidade, ele não apenas a retrata, mas também a questiona, expondo suas contradições sociais e culturais.

A partir deste exercício, A Alma Encantadora das Ruas (2007), além de apresentar características jornalísticas literárias, pode ser pensada como etnográfica. Geertz (2013, p. 65) observa que a investigação antropológica é “igualmente, de natureza interpretativa, não uma interpretação de dados objetivos e brutos, mas uma interpretação de interpretações.” Velho (2013, p. 84) endossa a afirmação de Geertz, ao afirmar que “o antropólogo lida e tem como objetivo de reflexão, a maneira como culturas, socieda-

des e grupos sociais representam, organizam e classificam suas experiências”.

No entanto, o que distingue João do Rio de um etnógrafo tradicional é sua subjetividade assumida. Diferente do pesquisador acadêmico, que muitas vezes tenta se distanciar do objeto de estudo, João do Rio se envolve profundamente com o que observa. Suas descrições carregam um tom de fascínio e crítica, tornando sua escrita não apenas uma documentação da cidade, mas uma interpretação vívida e pessoal de seus espaços e personagens.

João do Rio, no texto publicado em *A Alma Encantadora das Ruas*, intitulado *Visões d’Ópio* (2017, p. 103), ao descrever o cotidiano, buscou, justamente, apreender o modo de viver urbano, compreendido como “Cosmópolis num caleidoscópio”, retratando as mudanças ocorridas durante o processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, do início do século XX, conforme é possível verificar a seguir.

- Aqui. Nunca frequentou os chins das ruas da cidade Velha, nunca conversou com essas caras cor de goma que param detrás do Necrotério e são perseguidos, a pedrada, pelos ciganos exploradores? Os senhores não conhecem esta grande cidade que Estácio de Sá defendeu um dia dos franceses. O Rio é o porto de mar, é Cosmópolis num caleidoscópio, é a praia com a vaza que o oceano lhe traz (Rio, 2017, p. 103).

Esse trecho exemplifica como João do Rio constrói sua visão da cidade como um espaço de contrastes. Ele não apenas descreve as interações sociais, mas se aprofunda na maneira como diferentes grupos vivenciam o ambiente urbano. Seu uso da linguagem é marcante: ao definir o Rio de Janeiro como uma “Cosmópolis num caleidoscópio”, ele reforça a ideia de um espaço em constante movimento, onde diferentes culturas, classes e identidades coexistem de forma dinâmica e, por vezes, conflituosa.

João do Rio (2017), ainda em *Visões d'Ópio* (2017, p. 103) segue descrevendo o cotidiano e suas experiências cotidianas.

Entramos de esguella, e logo a rótula se fecha num quadro inédito. O nº 19 do Beco dos Ferreiros é a visão oriental das lôbregas bodegas de Xangai. Há uma vasta sala estreita e comprida, inteiramente em treva. A atmosfera pesada, oleosa, quase sufoca. Dois renques de mesas, com as cabeceiras coladas às paredes, estendem-se até o fundo cobertas de esteirinhas. Em cada uma dessas mesas, do lado esquerdo, trem e luz a chama de uma candeia de azeite ou de álcool (Rio, 2017, p. 107).

Neste trecho, João do Rio demonstra sua habilidade em criar imagens intensamente sensoriais. Seu relato não apenas informa, mas transporta o leitor para dentro dos espaços que descreve. A densidade da atmosfera, a escuridão opressora e o cheiro oleoso são elementos que transformam a descrição em uma experiência quase física. É interessante perceber como sua escrita não se contenta em relatar, mas busca provocar sensações e reflexões no leitor.

Para Cachado (2008), é na rua que João do Rio descreve, que emerge um recorte empírico, por meio de um sistema que interage de diferentes formas, permitindo localizar múltiplos olhares e pontos de vista. Segundo Cachado (2008, p. 12) é “na rua que melhor podemos observar os fenômenos da diferenciação cultural”. A partir disto, é possível afirmar que o escritor apresenta um recorte etnográfico, demonstrando a exploração e a apreensão da vida urbana.

No trecho retirado de *Solo Calmo* (2017, p. 204), Barreto destaca o fenômeno da diferenciação cultural, focando no que esses têm de mais exótico e familiar.

Ahora da noite quando cheguei à delegacia, a autoridade ordenara uma Caça aos pivettes, pobres garotos sem teto,

e preparava-se para a excursão com dois amigos, um bacharel e um adido delegação, tagarela e ingênuo. O bacharel estava comovido. O adido assegurava que a miséria só na Europa - porque a miséria é proporcional à civilização. Ambos de casaca davam ao rele interior do posto um aspecto estranho. O delegado sorria, preparando com o interesse de um maître-hôtel cardápio das nossas sensações (Rio, 2017, p. 204).

A ironia presente nesse trecho escancara a hipocrisia das elites que comentam a miséria como um fenômeno distante, ignorando a realidade que os cerca. João do Rio não apenas expõe as contradições da sociedade, mas conduz o leitor a refletir sobre elas.

João do Rio apresenta a cidade como um organismo dinâmico, impossível de ser apreendido de forma absoluta. Suas descrições não apenas narram as transformações urbanas, mas também revelam as contradições desse espaço: enquanto algumas ruas ganham status de modernidade, outras são marginalizadas e esquecidas. O flâneur que ele incorpora em seus textos se desloca por esses espaços, tornando visível aquilo que muitas vezes passa despercebido. Sua abordagem não se limita à observação distanciada; ele se insere nos ambientes que descreve, revelando a subjetividade da experiência urbana e os marcadores sociais que definem quem pertence e quem é excluído da ‘cosmópolis’ que ele retrata.

Julia O’donnell (2008), em *De olho na rua: A cidade de João do Rio*, destaca que João do Rio, ao descrever a dimensão cotidiana no texto *Cordões* (2017, p.230), demonstra-se preocupado com a compreensão da mudança cultural, além de denunciar o caráter cada vez mais impessoal do contato, e a alta densidade de pessoas que, convivendo e movimentando em seu espaço, aos poucos se modifica.

Já para Jacobs (2009), a diversidade urbana, presente nos textos analisados de João do Rio, mostram pessoas com concepções

diversas, assim como organizações, e com propósitos diversos. Tal diversidade encontrada nas cidades, pode ser vista na “pluralidade cultural”, criada por meio de relações sociais entre seus habitantes e visitantes. Para João do Rio

[...] era em plena Rua do Ouvidor. Não se podia andar. A multidão apertava-se, sufocada. Havia sujeitos congestionados, forçando a passagem com os cotovelos, mulheres afogeadas, crianças a gritar, tipos que berravam pilhérias. A plethora da alegria punha desvarios em todas as faces. Era provável que do Largo de S. Francisco à Rua Direita dançassem vinte cordões e quarenta grupos, rufas sem duzentos tambores, zabumbas sem cem bombos, gritas sem cinquenta mil pessoas (Rio, 2017, p. 160).

Para Bittencourt (2023), João do Rio, há algum tempo, vem sendo revalorizado, com certa euforia. Artigos e livros têm destacado a sua importância para a cultura brasileira, e para a história da imprensa jornalística, situando-o como *flâneur* e como um cronista da nossa *Belle Époque*¹, iniciador do jornalismo investigativo no país. Alguns autores reconhecem que suas obras não deveriam ficar de fora do cânone da própria literatura brasileira.

No texto intitulado *A Rua*, João do Rio denomina-se *flâneur*, um ingênuo quase sempre, que para diante dos rolos e

[...] é o eterno “convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos bolieiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe

1 A *Belle Époque* teve forte influência na cultura e na urbanização do Rio de Janeiro, tornando-se um período marcante na cidade. No entanto, é importante destacar que diversas regiões do Brasil também vivenciaram interferências europeias significativas, como no Norte do país, onde essas influências reverberaram de formas distintas e igualmente relevantes até os dias atuais.

um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga ideia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para o seu gozo próprio (Rio, 2017, p. 18).

Ao descrever-se como *flâneur*, de acordo com Bittencourt (2023), o autor apresenta um texto atemporal, levando o leitor a fazer inúmeras interpretações sobre os fatos contados. Uma linguagem que exige do leitor uma interpretação mais complexa. Complexidade que, de acordo com Marques (2009, p. 22), “cria significados e funda significados.”

No texto intitulado *O que se vê nas ruas*, o método da entrevista, empregado por João do Rio, pode ser visto no trecho abaixo.

- Que está você a vender? - Orações, sim senhor. - Novas? - Uma nova, sim - A oração das nove. Era num canto de rua, por uma tarde de chuva. O pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido, sobraçava o maço de orações, a sorrir. - Mas criatura, a oração das nove foi desmoralizada! - E agora é que se vende mais. Olhe, eu hoje vendi quatrocentos folhetos. Só de oração das nove, trezentos e vinte e cinco (Rio, 2007, p. 53).

João do Rio, como um repórter, além de imergir nos meios pesquisados para descrever os fatos da época, buscava interagir com os personagens que faziam parte de seus textos. Denunciava e investigava, participando da forma de vida de uma parcela da sociedade, “a maioria, aliás — que não se enquadrava no padrão chic que a burguesia estipulava para o Rio de Janeiro. Apesar de não ser um militante político, João produziu [...] escritos dos mais corajosos e lúcidos sobre a situação do trabalhador” (Sousa, 2008, p. 6). A coragem de João do Rio, que Sousa (2008) destaca, é possível observar no trecho abaixo.

Então o feitor, um homem magro, corcovado, de tamancos e

*beijos finos, o feitor, que
ganha duzentos mil réis e acha a vida um paraíso, o sr. Cor-
reia, entrou pelo barracão
onde a manada de homens dormia com roupa suja e ainda
empapada do suor da noite
passada [...] – Eh! Lá! Rapazes, acorda! Quem não quiser,
roda. Eh lá! Fora! [...] Os
homens gananciosos aproveitam então o serviço da noite,
que é pago até de manhã
por três mil e quinhentos e até a meia noite pela metade disso
(Rio, 2007, p. 138-139).*

Para Sousa (2008, p. 7), nos textos analisados, publicados em *A Alma Encantadora das Ruas* (2017), elementos jornalísticos são evidentes e relevantes, travando um diálogo enriquecedor com o discurso literário. Tanto é que, gradativamente, os elementos jornalísticos, introduzidos por ele, saem da vizinhança, e passam a “ocupar o centro dos textos jornalísticos de décadas mais tarde” (Sousa, 2008, p. 7). Para Lima (2012), o texto jornalístico literário foi criado para contar fatos reais, histórias com classe, desenvoltura e elegância, apresentando aos leitores acontecimentos e sujeitos menos previsíveis, buscando como primazia a apuração dos fatos, usando a sensibilidade para, no final, levar ao público textos que dimensionam e valorizam a essência do jornalismo: relatar fatos sobre pessoas e suas experiências de vida.

João do Rio, conforme destaca Lima (2009, p. 369), comunica “com desenvoltura. Vê o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão.” O ritmo narrativo das reportagens, constituídas por descrições quase minimalistas, quebrando a ação jornalística, mostram que “João do Rio descobriu a força narrativa de fatos reais em suas reportagens; o uso das frases e os recursos literários” (Medina, 1988, p. 63). Assim

nos botequins, fonógrafos roufenhos esganiçavam canções picarescas; numa taberna escura com turcos e fuzileiros navais, dois violões e um cavaquinho repicavam. Pelas calçadas, paradas às esquinas, à beira do quiosque, meretrizes de galho de arruda atrás da orelha e chinelinho na ponta do pé, carregadores espapaçados, rapazes de camisa de meia e calça branca bombachada com o corpo flexível dos birbantes, marinheiros, bombeiros, túnicas vermelhas de fuzileiros – uma confusão, uma mistura de cores, de tipos, de vozes, onde a luxúria crescia (Rio, 2007, p. 43).

Para Bittencourt (2023, p. 28), os textos de João do Rio, “passados mais de cem anos, permanecem como uma das maiores realizações de escritas jornalísticas de nosso país”. Bulhões (2007, p. 84) destaca que

[...] em um tempo de extrema mecanização do ofício jornalístico, em uma fase em que o repórter parece ficar cada vez mais estático – aliás, uma época em que estão desaparecendo as funções especializadas de repórter, editor, redator, com o movimento de enxugamento das empresas jornalísticas – e o jornalista parece estar cada vez mais amarrado à sala de redação, sem contato direto com o cotidiano a ser por ele reportado, o nome de João do Rio pode soar como um exemplo radical de contraste (Bulhões, 2007, p. 84).

Assim, a obra de João do Rio reafirma a relação entre jornalismo literário e etnografia urbana, registrando o cotidiano da cidade por meio de uma escrita envolvente, que mescla narrativa sensorial, crítica social e um olhar atento sobre os personagens que habitam esse espaço dinâmico. Sua abordagem permite que a cidade não seja apenas documentada, mas interpretada em sua complexidade, tornando suas crônicas um reflexo vívido da sociedade carioca de sua época.

5 Considerações finais

A forma como João do Rio retrata o Rio de Janeiro, nos textos publicados em *A Alma Encantadora das Ruas* (2017), revela mais do que descrições detalhadas e observações aguçadas; expõe uma cidade em transição, onde o progresso e a marginalização coexistem. Sua escrita não apenas documenta as mudanças urbanas do início do século XX, mas as interpreta, destacando os impactos dessas transformações sobre diferentes grupos sociais.

Ao longo da análise, percebe-se que João do Rio não se limita a ser um mero observador, mas um intérprete da cidade, que enxerga as ruas como palco de interações complexas. Ele dá voz a personagens invisibilizados, como malandros, mendigas e trabalhadores anônimos, captando as tensões sociais que atravessam a urbanização do Rio de Janeiro. Essa abordagem faz com que sua obra ultrapasse os limites do jornalismo factual e se aproxime da etnografia, na medida em que revela as dinâmicas sociais por meio de uma narrativa envolvente e sensorial.

Os textos evidenciam processos pelos quais grupos marginalizados ou indivíduos, chamados por Rio (2017, p. 55) de “mariposas, as mulheres mendigas, o malandro”, criam estratégias, coletivas ou não, para se relacionar com a cidade formal, importante dispositivo de resistência.

Nos textos, há o ficcionista; no repórter, um personagem. Desapegado dos limites que a sala de redação impõe, ele propôs uma experiência textual também sem limites, assumindo o dinamismo presente até hoje nas reportagens, com qualidade na escrita e riqueza nos detalhes, fazendo também do jornalismo expressão literária.

As inovações para a época, introduzidas pelo escritor no âmbito jornalístico, por meio dos seus textos, aliando elementos advindos da literatura, indicam que ele pertence a uma fase de transição: a passagem das colaborações estritamente literárias dos jornalistas para a constituição de uma linguagem especificamente

jornalística que se consolidou, a partir dos anos 50, nos jornais brasileiros.

A combinação entre jornalismo literário e etnografia urbana, presente em sua obra, reforça a necessidade de uma abordagem mais interpretativa no estudo das cidades. Seu olhar flâneur, atento ao movimento e às nuances do espaço urbano, ensina que compreender uma cidade exige mais do que apenas observar seus monumentos e ruas; é preciso captar as histórias que neles se desenrolam. Assim, os textos de João do Rio não apenas registram um tempo passado, mas se renovam a cada leitura, mantendo-se essenciais para a compreensão da sociedade e da cultura urbanas.

Bibliografía

- ASSIS, Francisco de (2014). Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. Revista Alceu, v. 11 - no. 21 - p. 16-33 - jul./dez.
- BELO, Eduardo (2006). Livro-reportagem. São Paulo: Contexto.
- BENEDICT, Ruth (1997). O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva.
- BITTENCOURT, Luan Pazzini. Histórias de “vida vivida”: aproximações entre jornalismo e literatura em A alma encantadora das ruas. In: Teoria e Crítica Literária Coleção DISCIPULI, vol. 7, 186 p. Orgs.: Dos Santos, Fernando Simplicio; Cavalheiros, Juciane. Boa Vista: Editora da UFRF, 2023.
- BULHÕES, Marcelo (2007). Jornalismo e literatura em convergência. São Paulo: Ática.
- CACHADO, R. D. Á. (2008). Hindus da Quinta da Vitória em processo de realojamento: uma etnografia na cidade alargada (Doctoral dissertation, Instituto Superior de Ciencias do Trabalho e da Empresa (Portugal)).
- GEERTZ, Clifford (1989). A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC.

- GEERTZ, Clifford (2013). O Saber Local: Novos Ensaios de Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes.
- JACOBS, J (2009). Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina (1996). A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática.
- LARAIA, Roque de Barros (1996). Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar.
- LÉVI-STRAUSS, C (1975). Totemismo Hoje. Petrópolis: Vozes.
- LIMA, Edvaldo Pereira (2009). Páginas Ampliadas. 4ª Edição. São Paulo: Manole Ltda.
- LIMA, Edvaldo Pereira (2010). Jornalismo Literário Para Iniciantes. 1ª Edição. São Paulo: Edição do Autor.
- LIMA, Edvaldo Pereira (2012). Escrita Total: Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito. São Paulo: Edição do Autor - Clube dos Autores.
- MAGNANI, J. G (2009). "Etnografia como prática e experiência". In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1976). Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural.
- MARTINEZ, Monica (2016). Jornalismo literário: tradição e inovação. Florianópolis: Insular.
- MARTINEZ, M (2022). Reflexões sobre Jornalismo literário e cotidiano. Mídia e Cotidiano, v. 16, n. 1, p. 248-267, 27 jan.
- MARTINEZ, M.; FERREIRA, A. L.; FERNANDES, C.; LIRA, E. .; OLIVEIRA, M.; PERES, S. .; FIGUEIREDO, V. . & GAVER, V (2022a). Mapeamento do Jornalismo Literário como Disciplina: referenciais teóricos e práticos mais empregados no Brasil. Anagrama, [S. I.], v. 16, n. 1.
- MARQUES, Fabrício (2009). Jornalismo e literatura: modos de dizer. Conexão Comunicação e Cultura, Caxias do Sul/RS, v.8, no.16, p.11-27, jul./ dez.
- MEDINA, Cremilda (1988). Notícia: um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª edição, São Paulo: Summus.
- PAULINO, Fernanda Mansilia (2014). A pobre gente: as crônicas de João do Rio no jornal

- e no livro. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto. São Paulo.
- PEIRANO, M (2014). “Etnografia não é método”. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul/dez.
 - RIGO, Larissa Bortoluzzi (2019). Jornalismo cultural: dos Suplementos Literários do século XIX aos webreview do século XXI. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, PUCRS, fl.358.
 - RIO, João do (2017). A alma encantadora das ruas. Belo Horizonte: Crisálida Livraria e Editora.
 - ECKERT, C., & ROCHA, A. L. C. D. (2005). O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS.
 - SANTANA, André Ricardo Duarte (2016). FLANÂNCIAS EM GONÇALO. XV Encontro ABRALIC, UERJ: Rio de Janeiro.
 - SANT’ANNA, Anderson de Souza; De Souza, Iago Vinícius Avelar (2014). Etnografia Urbana e Literatura: Olhares de João do Rio e Rubens Fonseca sobre a Cidade do Rio de Janeiro. Revista interdisciplinar de gestão social. set./dez. v.3n.3 p. 107-120.
 - SOUSA, Patrícia de Castro (2008). A problemática da narrativa de João do Rio: Crônica ou reportagem? XI Congresso Internacional da ABRALIC. 13 a 17 de julho. USP – São Paulo, Brasil.
 - TODOROV, Tzvetan (1993). Nós e os Outros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993.
 - VILAS BOAS, Sérgio (2007). Jornalistas Literários. Narrativas da vida real por novos autores brasileiros. São Paulo: Ed. Summus.
 - VELHO, Gilberto (1987). Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar.
 - VELHO, Gilberto (2013). Observando o Familiar. In: VELHO, G. Um Antropólogo na Cidade: Ensaios de Antropologia Urbana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
 - WAGNER, R. (2018). A invenção da cultura. Ubu Editora LTDA-ME.

Datos del autor

Luan Pazzini Bittencourt
Doutorando no Programa de Pós-
graduação em Comunicação e
Cultura
Universidade Federal do Rio de
Janeiro - UFRJ
Luanpazzini1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6103-9967>
Doutorando no Programa de Pós-
graduação em Comunicação e
Cultura

Recibido: 29/11/2024

Aceptado: 19/3/2025